

AS APROPRIAÇÕES DO JORNALISMO CULTURAL A PARTIR DA CRÍTICA CINEMATOGRÁFICA: “HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO” NO CADERNO 2 DO ESTADO DE SÃO PAULO

JULIANA DOS SANTOS DA ROSA¹; GILMAR ADOLFO HERMES²

¹*Universidade Federal de Pelotas – julianasts@live.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – ghermes@yahoo.com*

1. INTRODUÇÃO

A partir da crítica “Hoje eu Quero Voltar Sozinho supera rótulos ao discutir transições na adolescência”, esta pesquisa se utilizará da análise de conteúdo, a fim de compreender a forma com que o jornalismo cultural se apropria dos conceitos cinematográficos para atender seu público de jornal diário.

O filme *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho* - realização independente do diretor Daniel Ribeiro -, foi indicado pelo Brasil a concorrer ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro no ano de 2014. Entende-se que, para um filme independente ter chegado no espaço em que este conquistou, além de muita sabedoria em sua produção, a crítica tenha dado um grande empurrão. O escrito analisado é do jornalista Luiz Carlos Merten e integra o Caderno 2 do jornal do Estado de São Paulo.

Desde o seu início, o jornalismo cultural já carregava um propósito: o de divulgar as obras e eventos, além de opinar acerca desses produtos. O que diferencia o jornalismo cultural do século XVIII do atual é o mercado, cada vez mais crescente e que também está disposto a “pagar” para ver seu produto sendo divulgado.

Em seu artigo “Nem Tudo que Reluz é Ouro”, José Salvador Faro classifica Jornalismo Cultural como uma “produção noticiosa e analítica referente a eventos de natureza artística e editorial pautados por seções, suplementos e revistas especializadas nessa área” (FARO, 2006, p. 145). O que vai de encontro com o que Daniel Piza diz: “(...) a imprensa cultural tem o dever do senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses, e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe” (PIZA, 2003, p.45).

Percebe-se aí a necessidade de um jornalista, com sua melhor capacidade de interpretar os fatos, para preencher as folhas do caderno de cultura dos jornais. A tese de que qualquer um pode escrever sobre cultura é desmentida por Sergio Gadini, em Interesses Cruzados, no entanto, ele reconhece o peso que o mercado de entretenimento exerce na área.

Os segundos cadernos, então, têm essa função de pautar o que os cadernos principais não conseguem, devido à correria diária: de livros que precisam ser lidos inteiros e interpretados, até visitas e entrevistas em eventos. Para isso, seu produto final precisa cumprir vários aspectos para que seu trabalho seja feito de forma completa.

Pelo viés do cinema, objeto deste trabalho, Jacques Aumont, em Dicionário Teórico e Crítico de Cinema (2003) define a crítica como produto de um serviço que informa, mas que também tem a necessidade em conhecer e reconhecer o que é bom do que é descartável.

2. METODOLOGIA

O estudo busca analisar a forma com que o jornalista cultural se apropria dos conceitos do cinema em seus escritos, para que o público de jornal diário o compreenda. Assim, a análise é desenvolvida com base nos conceitos de análise fílmica de AUMONT (1995). Para isso, a pesquisa será realizada a partir do método Análise de Conteúdo, definido por Laurence Bardin (1977).

Segundo Bardin, esta análise, na sua modalidade qualitativa, procura entender a mensagem com base no aparecimento, ou não, de certa característica dentro do conteúdo. Assim, percebe-se que a análise qualitativa colabora, de forma efetiva, para compreender como o jornalismo “traduz” para o seu público de jornal diário, jargões utilizados pela crítica de cinema especializada, por exemplo, ao trocar palavras e até abordagens, por outras diferentes.

De acordo com AUMONT (2004), uma das diferenças mais gritantes entre a crítica do segmento especializado e da de jornal, é que enquanto a especializada trata de elementos como direção, fotografia, narrativa, montagem, planos, etc, a de jornal concentra-se em dar ênfase ao papel dos diretores, além de, explorar, em grande parte, o enredo. Com isso, a questão do **enredo** será uma das categorias de análise.

O público do jornal diário lê os segundos cadernos para manter-se informado das novidades culturais, o que é diferente de um leitor, já segmentado que vai atrás de um produto específico. Desta forma, interpreta-se que não há uma necessidade do público do jornal diário conhecer conceitos cinematográficos, pois o que redige uma crítica de cinema de jornal tentará, ao máximo, traduzir a obra para o leitor. Assim, este tipo de texto procura trazer aspectos do enredo para convencer o leitor do pensamento de quem escreve. Esta fórmula é compreensível, mas é necessário medir a forma com que o escrito trará o enredo, não podendo somente limitar-se a ele.

A segunda categoria será o **espaço fílmico**, que será definido pelo espaço reservado a essas características (direção, fotografia, montagem, atores etc), próprias do cinema, em ambas as críticas. A noção de Espaço Fílmico é definida de modo diferente conforme se considerem: o plano (comparável a uma pintura) e a cena. O espaço da cena é um espaço contínuo, e a questão é a de sua coerência ao longo dos seus diferentes planos. Trata-se “da percepção desse espaço: de sua memorização e de sua reconstrução mental pelo espectador”(AUMONT; MARIE, 2003, p. 104).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A reportagem na primeira página do Caderno 2 do jornal diário *Estado de São Paulo* aborda o filme *Hoje eu Quero Voltar Sozinho*, de Daniel Ribeiro. É dada grande relevância à obra, ao destiná-la. A análise deste trabalho dá ênfase à crítica de Merten, ao ver em seu texto um conteúdo mais adequado a um estudo jornalístico de fato. A opção de deixar de lado o depoimento do jornalista Lucas de Abreu Maia (que se encontra logo abaixo da crítica de Merten), se dá somente pela escolha em trabalhar com um texto em terceira pessoa - que caracteriza grande parte dos textos jornalísticos-, a um em primeira pessoa (no caso o de Maia). Analisando o escrito de Carlos Merten, pode-se perceber o método com que o jornalismo cultural utiliza os aspectos da linguagem cinematográfica para que seu texto seja compreensível ao público que se destina.

O elemento “narrativa” encontra-se, primeiramente na frase que começa sustentando a fala do diretor dentro da crítica. “Na cabeça de Ribeiro, o filme não

era sobre um garoto cego gay que assume sua sexualidade”, diz o autor do texto. Em “[para]mim sempre foi sobre um garoto cego que queria se libertar das amarras protetoras da família e voar sozinho”, Merten dá voz ao diretor. O último trecho parece complementar o que o jornalista diz. Ele parece ter sido introduzido para o texto não cair na mesmice de resumir a narrativa em apenas uma sinopse, ou análise leviana da história.

A narrativa pode ser encontrada também, no trecho: “A amiga – Giovana (Tess Amorim) – funciona como uma espécie de visão auxiliar de Leo. Ela diz que o garoto [Gabriel] é um gato, e isso estimula a fantasia de Leo”. Esta citação comenta a presença da amiga de Leonardo na história e descreve a participação da personagem no longa.

É perceptível na crítica, também, uma necessidade em traçar paralelos que partem da narrativa e mexem com aspectos psicológicos do espectador. Podemos observar isso nos trechos: “(...) se o sujeito não vê, como Leo, como o amor pode ser à primeira vista?”; “(...) há uma estética do afeto que impregna as ações e dá ao filme de Daniel Ribeiro seu formato peculiar”; “[a] diversidade dá o tom aos filmes, e ela é muito boa, acredita o diretor, para desmistificar os personagens gays”. Os trechos selecionados pensam além do que a narrativa apresenta.

Na parte “(...) quando Gabriel (Fabio Audi) entra na sala de aula, e na vida de Leo, a câmera está colada no ouvido do protagonista”, está presente o elemento “espaço fílmico”. Este elemento engloba todos os aspectos de cena, como a desenvoltura dos atores, as escolhas dos diretores, a indicação da iluminação, da fotografia a composição dos planos.

Vale ressaltar a abrangência que Carlos Merten deu para a categoria Espaço Fílmico dentro de sua crítica. Ela, basicamente, aparece somente no trecho citado no parágrafo acima. Vê-se uma maior preocupação - por o filme abordar, além da temática gay, um menino cego- de pensar além da obra, de refletir a forma como esses assuntos geram preconceito na idade em que as personagens se encontram.

Merten aborda, em grande parte do seu texto, o que Aumont (2004) chama de “instrumentos documentais”. Percebe-se no jornalista a necessidade em contextualizar grande parte das entrelinhas que escreve. Vê-se aí o trabalho jornalístico, de interpretar os fatos, com a melhor argumentação possível, para que o público compreenda a obra e seu cenário:

Hoje eu Quero Voltar sozinho estréia em 140 salas de todo o Brasil. Pode ser pouco em relação às 1300 salas com que Rio 2 estreou há semanas, e depois as 1020 de Noé e agora as 1070 de Capitão América 2. Mas é um recorde para a distribuidora Vitrine, de Silvia Cruz, que nos últimos anos se especializou em mostrar o cinema de ponta produzido no País [...].

Estas informações são trazidas logo no começo do texto, ao tentar contextualizar o cenário em que a distribuidora do filme em questão, se encontra. Para dar ênfase ao filme e a tudo o que ele conquistou, esse pequeno histórico é introduzido, de forma que o leitor fique sabendo da importância que o filme analisado tem, dentro do cenário audiovisual independente nacional.

“*Hoje eu Quero Voltar Sozinho* retoma temas e personagens que o diretor Daniel Ribeiro já abordara em *Eu Não quero Voltar Sozinho*. O filme anterior era curto, sobre um garoto gay e cego”. Neste trecho o autor quer informar o leitor que o longa analisado foi extraído de um curta, gravado anos antes, pelo mesmo diretor e com os mesmos atores. Desta forma, Merten documenta que a ideia de se construir um filme maior já havia sido pensada anteriormente, para subsidiar o

seu parágrafo a seguir, que trata da retomada do diretor em cima deste seu trabalho.

“Alguns críticos já reclamaram que o imaginário de *Hoje eu Quero Voltar Sozinho* é branco, urbano e retrata uma classe média alta” e “[o] que a equipe de *Tatuagem* dizia do filme de Hilton Lacerda é cristalizado aqui” são trechos que remetem a outros críticos e obras. Como um bom jornalista, Merten leu o trabalho de seus outros colegas e ainda sintetizou-os no seu texto, ao dizer do que eles reclamaram. O segundo trecho introduz outro filme para o mesmo cenário do filme analisado. Assim, ficam perceptíveis os instrumentos documentais dentro do texto.

4. CONCLUSÕES

É perceptível no texto de Luis Carlos Merten, vinculado ao Caderno 2 do jornal Estado de São Paulo, uma preocupação em falar com um maior número de leitores possível, buscando também compreender a amplitude da abordagem feita pelo filme, o que é uma preocupação tipicamente jornalística. Merten certamente entende muito sobre cinema, mas neste texto está buscando, sobretudo, despertar o interesse do público por esta produção independente.

Assim, o jornalista cultural tem uma melhor capacidade em apresentar uma crítica ao público de jornal diário que um crítico especializado, porque o primeiro se preocupa em interpretar aspectos não somente estéticos, mas também contextualiza a obra em suas variadas formas e contatos.

Ao analisar as apropriações do jornalismo cultural acerca dos conceitos do cinema, é possível entender o cenário atual do consumo das produções audiovisuais nacionais, já que é visível o papel do crítico para que esse consumo aconteça.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A Análise do Filme**. Texto & Grafia: 2004.

_____ **Dicionário Teórico e Crítico de Cinema**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

_____ e outros. **A Estética do Filme**. Campinas: Papirus, 1995.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

FARO, José Salvador. Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. In: **Comunicação e Sociedade**. São Bernardo do Campo, v.28, p.143- 163, 2006. Disponível:
<http://www.metodista.br/poscom/cientifico/publicacoes/docentes/artigos/artigo-0059/>. Acesso em: (20, jun, 2015).

MERTEN, Luiz. Carlos. Hoje eu Quero Voltar Sozinho supera rótulos ao discutir transições na adolescência. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 10 abr. 2014, p. C5.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.